

A LÍNGUA FRANÇESA NO MUNDO Síntese 2022



**Edição
2022**

ÍNDICE

Prefácio	3
Preâmbulo	4

PARTE 1

A presença e o uso da Língua Francesa no Mundo

▪ Estimativas e distribuição geográfica dos francófonos	6
▪ Uma visão policêntrica do francês	10
▪ A língua francesa e o multilinguismo nas organizações internacionais	13

PARTE 2

Políticas de línguas e ensino em Francês no mundo

- O francês como língua de ensino 20
- O francês como língua estrangeira 21

PARTE 3

A língua francesa, a cultura e o mundo digital

- O lugar do francês na Internet 26
- Conteúdos culturais francófonos online: Problemas e desafios da capacidade de descoberta 28
- Livros e autores francófonos 31

PREFÁCIO



O relatório que se segue não é propriamente uma descrição do estado da língua francesa, mas sim uma apresentação, um panorama do movimento francófono no mundo. Começa com esta observação: "Nascemos cada vez menos francófonos, contudo, tornamo-nos cada vez mais francófonos."

A Francofonia, conforme o relatório, é futuro, variedade, policentrismo. Em poucas palavras, reflete um aspeto multifacetado do mundo.

A Francofonia representa o futuro, pois obtém a sua energia da demografia de um continente Africano que, tal como a Francofonia, caminha para a sua juventude. A língua francesa é, portanto, mais do que nunca, a língua de África, das suas escolas, da sua produção literária, da sua investigação, do seu pensamento. Sabe também tornar-se a língua franca das suas ruas, dos seus mercados, das suas cidades em crescimento cada vez mais rápido.

O mundo francófono acolhe, constantemente, as variedades e as diversidades que ocorrem continuamente na abundância de culturas que reúne em torno da língua que partilham.

Compõe assim um círculo vivo do qual podemos dizer que "o seu centro está em todo o lado e a sua circunferência em lado nenhum", parafraseando a velha imagem medieval.

Polimórfico e policêntrico, a Francofonia está em uníssono com o plural do mundo. O seu credo é que um mundo plural não é apenas um facto, mas um valor que lhe deve dar direção. A Francofonia é, portanto, a promoção contínua do pluralismo linguístico e das suas virtudes, no mundo e dentro de si mesma. Entre estas, em primeiro lugar, a capacidade de pensar de língua para língua, que é também a capacidade de descentralizar e de abrir-se.

É por isso que este relatório insiste no "perigo do unilinguismo" em geral, no seio das instituições e das relações internacionais em particular. Não se trata de assustar ou impor a si próprio uma língua que seria mais "universal" do que as outras, mas sim, mais uma vez, de compreender que num mundo multicultural e de línguas, que são tantas faces da humanidade, é no fim do encontro das línguas, do seu diálogo que pode ser difícil, da sua relação que certamente não passa sem mal-entendidos, que se encontra o comum, o universal que é necessário alcançar em conjunto. Que só pode ser, segundo o filósofo Maurice Merleau-Ponty, "lateral" ou "horizontal" e não "de saliência".

Deste (multi)lateralismo necessariamente multilingue, a Francofonia é o arauto e a manifestação.

Souleymane Bachir Diagne
Universidade de Columbia

PREÂMBULO

Esta 5ª edição de A Língua Francesa no Mundo transporta-nos ao coração das diferentes francofonias que nasceram e cresceram à medida que a língua francesa viajava ao longo de vários séculos. Com **321 milhões de falantes**, a língua francesa continua a ser a 5ª língua mais falada no mundo (depois do inglês, do chinês, do hindi e do espanhol).

Este livro, através de uma série de inquéritos e análises baseadas em pesquisas académicas, documentação, análises estatísticas de desenvolvimentos demo-linguísticos, entrevistas e testemunhos, apresenta o relato da presença e da utilização da língua francesa na grande diversidade de contextos socio-linguísticos em que esta evolui.

É permeado pelo facto de a maioria dos francófonos e das crianças que aprendem Francês pela primeira vez residirem no continente Africano.

Para compreender isto, somos convidados a explorar a "galáxia francófona" na primeira parte do livro, que revela o número e distribuição de francófonos no mundo, mas que sobretudo descreve a realidade do uso e dos níveis de apropriação desta língua que milhões de falantes utilizam, modificam e enriquecem todos os dias em contato com outras realidades e outras línguas. A apresentação dos resultados de um inquérito de campo de um ano em dez países da região subsaariana e do Oceano Índico permite-nos abordar a questão das variedades do francês com mais profundidade e sem tabus.

Entre os muitos desafios relacionados com a natureza global da língua francesa e a diversidade dos seus contextos de utilização, estávamos particularmente interessados em examinar a questão do multilinguismo nas organizações internacionais. Em especial, considerámos o impacto do "mecanismo de vigilância, alerta e ação" iniciado em 2020 pela Secretária Geral da Francofonia, Senhora Louise Mushikiwabo, que declarou numa entrevista que nos concedeu, que "o multilinguismo, condição essencial do multilateralismo, é um bem comum e um valor a ser defendido".

A segunda parte do livro é uma mina de carvão com informações precisas sobre a situação da aprendizagem do francês em cerca de 160 países. Medindo as evoluções globais e apresentando progressos e retrocessos, as mono-

grafias dedicadas a cada território são completadas por uma análise mais abrangente das alavancas que favorecem o plurilinguismo nos sistemas educativos. É também uma oportunidade de fazer um balanço das várias atividades apoiadas pela Francofonia para ajudar os **mais de 93 milhões de estudantes** que têm o francês como uma das suas línguas de ensino.

Como língua estrangeira, o francês é a segunda língua mais aprendida no mundo por mais de **50 milhões de pessoas**. Promover as vantagens da formação francesa para uso profissional torna possível ir além da imagem tradicional de uma língua académica ou elitista em direção a uma função favorável à empregabilidade, mobilidade profissional e estudantil. Notaremos também que a procura do francês é importante e que o número dos que a aprendem está a crescer significativamente em certas partes do mundo (África, América, Ásia), mesmo que o retrocesso observado na Europa esteja a pesar e a levar a uma estagnação global.

A terceira parte começa com uma atualização dos números relativos à presença da língua francesa na Internet, que confirma o seu **4º lugar** (depois do inglês, do espanhol e do árabe), ao mesmo tempo que propõe uma abordagem original que realça a noção de "ciberglobalização das línguas", que mostra até que ponto o inglês e o francês estão desligados de outras línguas.

A seguir vem uma revisão sem precedentes da nova questão da "descoberta" de conteúdos culturais online, que confirma - se necessário - a importância das questões relacionadas com a transição digital e as questões levantadas pela "plataformização" dos sectores culturais, particularmente os sectores audiovisual e musical. Ao mesmo tempo, ao apresentar o relatório sobre o Primeiro Congresso Mundial dos escritores francófonos, realizado em 2021 e a Assembleia Geral dos Livros em Língua Francesa no Mundo, estamos a consciencializar-nos sobre o quanto o espaço do livro e da leitura francófonos revela tanto a riqueza dos universos culturais como os desequilíbrios que ainda precisam de ser corrigidos.

Alexandre Wolff
Chefe do Observatório da Língua Francesa

PARTE 1

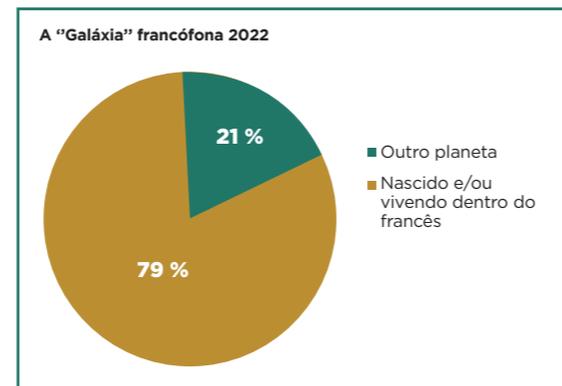
A PRESENÇA E O USO DA LÍNGUA FRANCESA NO MUNDO

O aumento do número de falantes de francês em África tem sido uma constante durante vários anos, e a distribuição dos francófonos mudou profundamente, tal como mudou o uso desta língua nos contextos essencialmente multilingues que caracterizam o continente Africano. No referente aos modos de aquisição da língua francesa através dos processos de aprendizagem essencialmente formais (mas não exclusivamente), acrescenta-se a prática do francês, mais ou menos intensa de acordo com os países em causa, à uma ou a várias outras línguas em contextos menos formais, por exemplo fora do ambiente escolar ou das instituições oficiais. Além disso, estes novos falantes, para quem o francês não era a sua primeira língua, na maioria dos casos, fazem-no com base em outras competências linguísticas. Isto multiplica as oportunidades de interação entre o francês e as línguas nacionais, cujo resultado assume várias formas: criação de novas palavras, transposição para o francês de expressões ou formas de outras línguas, surgimento de línguas diferentes do francês padrão... Como diz Richard Marcoux, o director da ODSEF ¹, “nascemos cada vez menos francófonos, contudo, tornamo-nos cada vez mais francófonos”.

ESTIMATIVAS E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS FRANCÓFONOS

Com uma estimativa de **321 milhões de francófonos**² em 2022, a língua francesa permanece no grupo das 5 línguas mais faladas a nível mundial (depois do inglês, do chinês, do hindi e do espanhol³). Em quatro anos, registaram-se mais 21 milhões de pessoas que falam francês, um aumento de 7% desde 2018. O crescimento que se observa há vários anos continua a um bom ritmo, mesmo que se registre um ligeiro abrandamento. De facto, no mesmo âmbito, o número de francófonos tinha crescido quase 10% entre 2014 e 2018.

Como os nossos leitores se habituaram, as nossas reflexões têm em conta os vários contextos em que a língua francesa floresce. Por razões que são simultaneamente metodológicas e pragmáticas, e que evitam perder o contato com a realidade, optámos por distinguir entre a Francofonia da vida quotidiana (dentro do planeta “Nascido e/ou vivendo dentro do francês”) e a Francofonia que se expressa em ambientes onde o francês é exclusivamente uma língua estrangeira (cf. gráfico “A galáxia francófona em 2022”). Os 36 países⁴ em causa, para além do facto de concentrarem sozinhos quase 80% dos falantes do francês no mundo, constituem um grupo decisivo para o futuro da língua francesa. Certamente, a importância da dinâmica ligada à aprendizagem do francês como língua estrangeira é indiscutível e as suas inflexões dizem muito sobre a capacidade da língua francesa de permanecer atrativa e útil num mundo onde o plurilinguismo está a progredir. No entanto, conforme as estatísticas e os estudos que temos vindo a recolher há mais de 10 anos demonstram, o futuro da língua francesa está muito relacionado ao continente africano.



De facto, não só o crescimento do número de francófonos no planeta “Nascido e/ou vivendo dentro do francês” é ligeiramente superior ao registado para o mundo como um todo (+1 ponto⁵), mas também representa 95% do au-

¹ Observatório Demográfico e Estatístico do mundo francófono da Universidade Laval do Quebec.

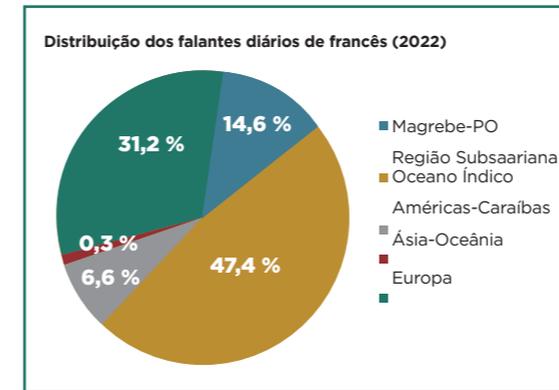
² Para detalhes dos cálculos, ver a nota de investigação Richard MARCOUX, Laurent RICHARD e Alexandre WOLFF. Estimativa das populações francófonas no mundo em 2022. Fontes e abordagens metodológicas. Quebec, 2022, Observatório Demográfico e Estatístico do mundo francófono da Universidade de Laval (ODSEF). Ver QRcode

³ As estimativas do número de falantes de outras línguas provêm do livro Ethnologue, Languages of the World (Etnólogo, Línguas do Mundo). 23ª edição, 2020 citado pela Wikipedia.

⁴ Argélia, Andorra, Bélgica (incluindo a Federação Valónia-Bruxelas), Benin, Burkina Faso, Burundi, Camarões, Canadá (incluindo Canadá-Nova Brunswick, Canadá-Ontário e Canadá-Quebec), Comores, Congo, RDC, Costa do Marfim, Djibuti, França (e seus territórios ultramarinos), Gabão, Guiné, Guiné Equatorial, Haiti, Líbano, Luxemburgo, Madagascar, Mali, Mauritânia, Maurícia, Mónaco, Marrocos, Níger, República Centro-Africana, Ruanda, Senegal, Seychelles, Suíça, Chade, Togo, Tunísia, Vanuatu.

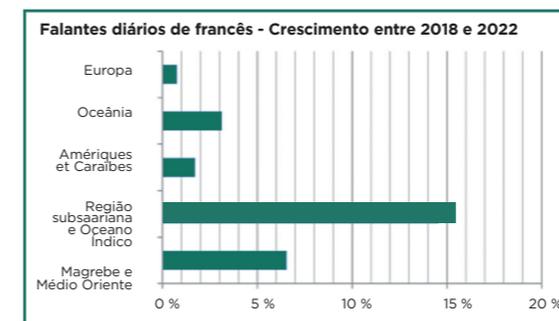
⁵ Isto é na realidade um pouco mais elevado, mas uma revisão em baixa (em comparação com 2018) da população total de alguns territórios onde os francófonos calculam-se em mais de 80% (Federação Valónia-Bruxelas, Guadalupe, Martinica, Polinésia Francesa e Wallis & Futuna) e onde se registou uma redução matemática.

mento observado. Assim, mais de 19 milhões dos “novos francófonos” vivem nesta área, os africanos sendo a principal componente.



Ao ganhar 2,5 pontos percentuais em relação a 2018, o continente Africano confirma tanto o seu lugar central na francofonia diária como as dinâmicas que o distinguem de outros espaços.

Se aperfeiçoarmos um pouco a nossa observação, podemos ver que esta dinâmica africana se deve principalmente aos países subsarianos que representam mais de 80% do crescimento francófono neste espaço. Nestes países, com algumas exceções, as taxas de crescimento são de facto muito mais elevadas do que nos outros. Enquanto o número dos falantes diários de francês cresceu 8% entre 2018 e 2022, saltou mais de 15% na região subsaariana e no Oceano Índico (SS-IO).



Relativamente a esta evolução positiva, duas coisas devem, no entanto, ser notadas: o aumento é em todo o lado ligeiramente inferior ao verificado entre 2014 e 2018 e cobre claras disparidades entre países.

■ O crescimento está a abrandar?

É importante notar primeiro que, quaisquer que sejam os comentários que apresentarmos abaixo, o aumento do número, por país, de francófonos na região subsaariana e no Oceano Índico é sempre pelo menos igual ao da população total durante o mesmo período.

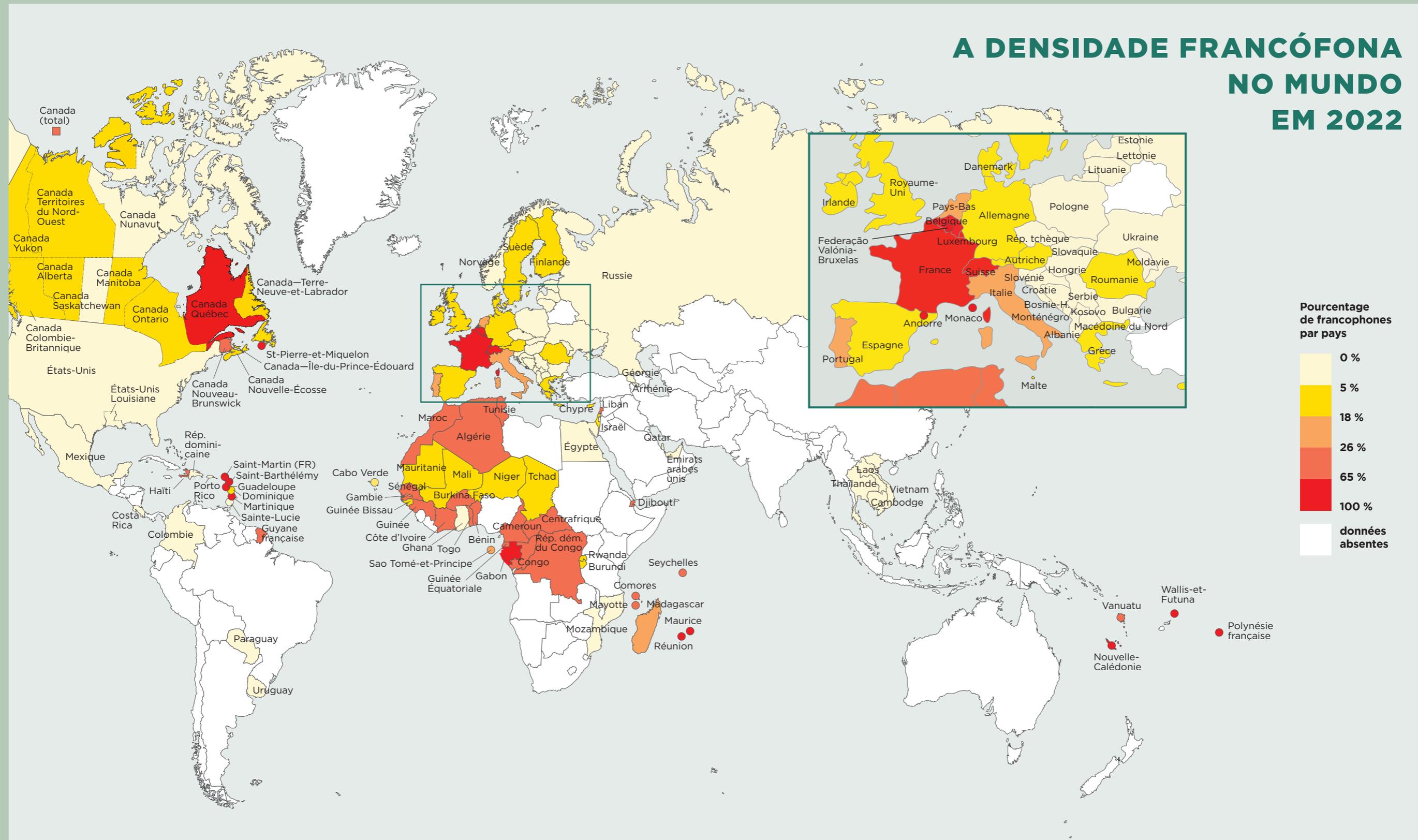
No entanto, se tivermos uma visão global, podemos ver que todos os continentes do planeta “nascidos e/ou vivendo dentro do francês” estão a marcar o tempo na progressão do número de francófonos. O crescimento é, de facto, ainda menos forte do que o registado durante a nossa última estimativa. A diferença é de um ponto percentual na Europa e Oceânia, dois pontos percentuais nas Américas e na região subsaariana - Oceano Índico, mas 10 pontos no Magrebe - Médio Oriente.

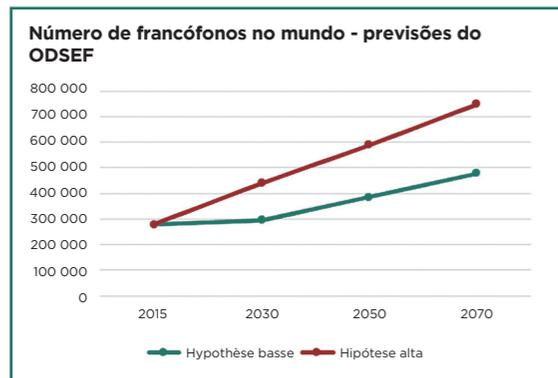
Um indicador que talvez seja menos sensível aos caprichos dos cálculos que fazemos de quatro em quatro anos - e sem dúvida mais importante quando queremos dar um passo atrás e considerar a questão a longo prazo - encontra-se nas alterações que ocorreram na percentagem da população considerada francófona⁶ em cada um dos países deste planeta “Nascido e/ou vivendo dentro do francês”. (cf. carte pp. 8 - 9)

Assim, nenhum país do espaço Africano sofreu uma mudança significativa na percentagem da sua população francófona em relação à sua população total. Desde 2010, encontramos os mesmos países nas mesmas seções, na sua maioria abaixo dos 50%, com exceção de cinco ou seis países que já tinham ultrapassado este limiar ou que estavam muito próximos deste. Isto poderia ser visto como aquilo a que os futuristas chamam um sinal fraco, prefigurando um cenário menos otimista do que o utilizado nas excelentes previsões (vide p. 10) feitas pelo nosso parceiro da Universidade Laval (Observatório Demográfico e Estatístico da Zona Francófona, ODSEF).

⁶ Também aqui, seria arriscado apresentar alterações percentuais por país, entre 2010 e 2022 por exemplo, sem multiplicar os avisos relativos às alterações nas fontes utilizadas e as longas explicações técnicas sobre os efeitos das estruturas demográficas. Por conseguinte, escolhemos a visão global.

A DENSIDADE FRANCÓFONA NO MUNDO EM 2022





Sabemos que pequenas variações não são necessariamente reveladoras, no entanto, podemos aventurar-nos a fazer uma proposta geral.

Em primeiro lugar, e quaisquer que sejam as precauções metodológicas tomadas, não parece possível concluir que estes países tenham aprofundado as suas raízes francófonas. A língua francesa mantém a sua presença, mas não parece estar a alargar a sua liderança. Se, a longo prazo, a quota-parte de francófonos está inegavelmente a crescer, devemos notar que parece ter atingido uma espécie de limiar, embora bastante rápido (em cerca de vinte anos). Partindo de uma base muito baixa, porque, deve-se lembrar, o período colonial contribuiu muito pouco para a difusão da língua francesa entre a população, o nível de francófonos aumentou de forma espetacular, graças à escola. Com o progresso do ensino, continuou a aumentar lentamente até agora. Isto confirma os nossos repetidos avisos desde 2010 sobre as condições necessárias para o futuro da Francofonia no continente Africano.

Como conclusão, parece que os desafios a enfrentar em termos de educação de qualidade em Francês são mais urgentes do que nunca. A este respeito, os últimos resultados do estudo PASEC⁷ sobre 14 países⁸ membros da Conferência dos Ministros da Educação dos Estados e Governos da Francofonia (CONFEMEN) não são muito tranquilizadores. Com efeito, no início do ciclo⁹, mais de 55% dos estudantes, em média, não atingiram um nível "suficiente" na

língua. Do mesmo modo, no final do ano escolar, na leitura, mais de metade dos estudantes (52,1%) estão abaixo do nível de competência "suficiente". O relatório PASEC2019 assinala que os resultados são, em média, melhores do que os observados durante a avaliação anterior em 2014, mesmo que alguns países estejam a estagnar ou mesmo a regredir.

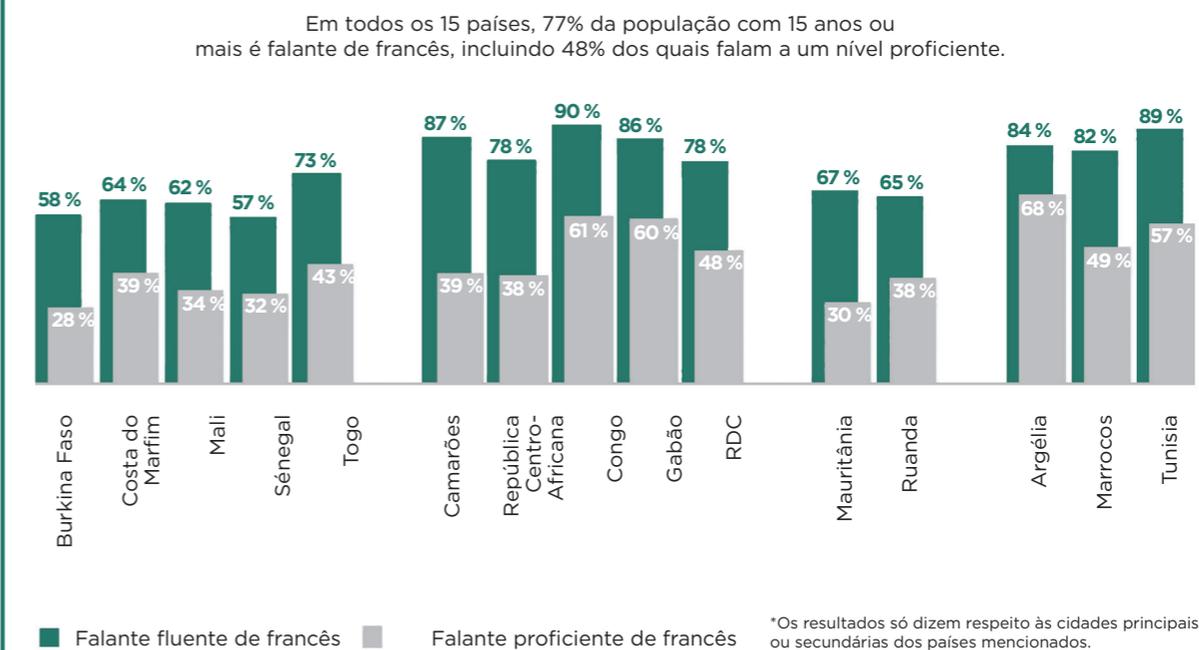
As realidades sociolinguísticas revelam algumas características comuns, mas também são frequentemente diferentes de um país para outro. Isto é particularmente verdade para o uso do francês, que varia significativamente, dependendo do lugar ocupado por uma língua nacional amplamente partilhada (vide o gráfico "Nível de Francofonia" abaixo), mas também de acordo com as dinâmicas urbanas.

UMA VISÃO POLICÊNTRICA DO FRANCÊS

Os últimos inquéritos do Instituto Kantar, cujos resultados foram por nós explorados, abrangendo cidades de 15 países¹⁰, tiveram lugar durante o segundo trimestre de 2020 e o primeiro trimestre de 2021. Revelam um conhecimento significativo, mas variável do francês em todos os países da amostra. A maioria da população declara-se francófona: entre 57% (nas cidades senegalesas) e até 90% (nas cidades congoleesas), mas o verdadeiro domínio do francês diz respeito a um número menor de pessoas. De acordo com um indicador estabelecido por Kantar que define uma "Francofonia proficiente", o intervalo estende-se de 28% (cidades burquinenses) a 68% (cidades argelinas).

Do ponto de vista da evolução, podemos notar uma relativa estabilidade nos níveis de Francofonia declarados pelas populações. Uma vez que os inquéritos mais antigos na nossa posse datam de 2008, uma certa quantidade de retrospectiva permite-nos fazer algumas observações. Se a maioria dos países em causa não parece ter sofrido qualquer alteração significativa, quer no número total de francófonos declarados, quer no número de pessoas consideradas como tendo uma "Língua Francesa proficiente", podemos notar alguns casos especiais.

Um nível muito elevado de falantes de francês em toda a região, particularmente na África Central e nos países do Magrebe*



Assim, os residentes das cidades gabonesas e marroquinas apresentam um claro aumento na "Francofonia proficiente", bem como no número total de francófonos. A "Francofonia proficiente" está também a subir acentuadamente nas cidades da Costa do Marfim, enquanto o nível da Francofonia geral não se altera. As cidades malianas e tunisinas também apresentam um aumento no número de pessoas que se declaram Francófonas entre 2010/2011 e 2020/2021 (+17 e +18 pontos respetivamente). Por outro lado, enquanto a proporção global de Francófonos é estável nas cidades da RDC, a proporção de falantes com o melhor domínio da língua francesa diminuiu 7 pontos entre 2009 e 2020/2021. As cidades senegalesas apresentam uma tendência oposta, com o número de Francófonos confirmados a manter-se estável, mas o número total de Francófonos a diminuir (-5 pontos entre 2009 e 2020/2021).

Um perfil dominado pelos jovens

A maioria dos francófonos da região subsaariana e do Magrebe situa-se na faixa etária dos 15-24 anos. Isto revela

um forte potencial de crescimento para a Francofonia. De facto, os resultados mostram que estes jovens são relativamente mais numerosos a dominar a língua francesa do que os mais velhos. Com a exceção do Mali, Ruanda e Togo, e em menor grau do Congo e da RDC, a proporção de jovens urbanos que dominam a língua francesa é muito mais elevada do que a de outros grupos etários. A diferença média é de 6 pontos, mas em alguns casos (4 países) é de 10 ou 20 pontos! Isto é, naturalmente, uma garantia para o futuro do francês, o que já notámos noutros estudos que mostraram uma maior utilização do francês pelas gerações mais jovens.

Para além da sua relativa juventude, a maioria dos francófonos urbanos são pessoas que tiveram um mínimo de educação (pelo menos primária, mas especialmente secundária e superior) e que se encontram nas categorias mais abastadas da população. Isto reflete a importância da escolaridade, cujo acesso está em parte condicionado pelo nível de rendimento, que por sua vez está ligado ao estatuto social

⁷ PASEC2019. Qualidade dos Sistemas de Educação na África Subsaariana francófona. Desempenho e ambiente de ensino-aprendizagem no ensino primário ver QRcode

⁸ Benim, Burkina Faso, Burundi, Camarões, Chade, Congo, Costa do Marfim, República Democrática do Congo, Gabão, Guiné, Madagáscar, Níger, Senegal, e Togo.

⁹ As avaliações abrangem apenas o ensino primário.

¹⁰ Marrocos, Argélia, Tunísia, Mauritânia, República Centro-Africana, Togo, Ruanda, Senegal, Costa do Marfim, Camarões, RDC, Gabão, Mali, Burkina Faso, Congo

do indivíduo, e, portanto, às suas interações sociais, consumo cultural, e ambiente profissional, todos eles mais ou menos propícios à frequência e qualidade de utilização do francês.

■ Um lugar reconhecido para a língua francesa

Estas ligações entre o domínio da língua francesa e as oportunidades que permite aproveitar estão perfeitamente expressas nas respostas sobre a importância desta língua em relação a vários assuntos. Assim, o francês é muitas vezes unanimemente apreciado por facilitar:

- A obtenção de emprego (entre 67% e 97% das opiniões)
- Os estudos (entre 68% e 98%)
- Aquisição de informação (entre 49% e 98%)
- Pesquisas na Internet (entre 53% e 97%)
- Acesso a outras culturas (entre 55% e 96%).

■ Francês, uma segunda língua

A medição do uso do francês por contexto é feita através de perguntas elaboradas para classificar as línguas utilizadas em casa e no trabalho, distinguindo aquela cuja utilização é a mais frequente (língua principal) e as outras, por ordem de importância.

No trabalho

O francês está presente em todas as situações. Está até em primeiro lugar ("língua principal") nas cidades da Costa do Marfim, Camarões, Congo, Gabão (onde é mesmo a única língua citada) e na RDC. Em todos os outros países, com exceção do Burkina Faso (onde Mooré e Dioula são mais amplamente utilizadas) e Ruanda (depois do kinyarwanda e do inglês), o francês é a segunda língua mais comumente utilizada no trabalho nas cidades.

Em casa

A frequência de utilização do francês em casa é ainda mais baixa do que no local de trabalho - por vezes até desaparece, como nas cidades do Senegal e da Mauritânia - mas a sua posição na hierarquia linguística permanece relativamente estável. O francês está ainda em primeiro lugar nas zonas urbanas da Costa do Marfim, Camarões, Congo e Gabão. Nas cidades de vários países, é a segunda língua mais utilizada: Argélia, Mali, República Centro-Africana, República Democrática do Congo e Togo. Finalmente, em Marrocos, Tunísia e Ruanda, o seu lugar é marginal e é, na melhor das hipóteses,

apenas a segunda ou terceira "outra língua" que pode ser utilizada como meio de comunicação nas famílias, mas está presente.

Em resumo, os resultados dos inquéritos mostram o seguinte:

- Todos os francófonos nestes territórios são multilingues e a sua primeira língua raramente é o francês;
- A aquisição da língua francesa exige esforços e os seus conhecimentos, sem falar de um domínio completo, são partilhados apenas por uma parte das populações;
- O estatuto oficial do francês e a sua qualidade como língua escolar não garantem por si só uma difusão generalizada, nem do seu domínio, nem da sua utilização;
- Este lugar único (sem comparação com outras línguas estrangeiras ou outras línguas transnacionais ou mesmo nacionais) ocupado por esta língua no seio das sociedades qualifica-a como língua Africana, propriedade dos seus falantes;
- Alguns marcos do seu estabelecimento duradouro e da sua potencial progressão (juventude dos seus falantes, presença comprovada nas residências e actividades económicas) merecem particular atenção.

■ As variações sociolinguísticas do francês

Outra questão, na encruzilhada dos modos de aquisição, usos e conhecimentos de francês e outras línguas, merece uma abordagem mais detalhada. O leitor poderá também beneficiar dos resultados de um inquérito recentemente realizado em dez países Africanos¹¹, destacando as observações feitas relativamente às diversas utilizações do francês. A entrevista que nos foi concedida pelo Professor Bernard Cerquiglini, linguista e presidente do comité científico do Dicionário dos Falantes de Francês (DDF)¹², mostra até que ponto esta questão se tornou uma grande preocupação.



¹¹ Argélia, Benim, Camarões, Chade, Costa do Marfim, Gana, Líbano, Marrocos, Madagáscar e República Democrática do Congo.

¹² Ver QRcode

O Observatório da Língua Francesa iniciou este primeiro estudo¹³ exploratório sobre a questão da variação sociolinguística do francês, a percepção dos seus falantes e os usos que dele são feitos, particularmente na esfera educativa. Os investigadores foram também convidados a explorar formas de uma possível "gestão concertada" da língua francesa, que é considerada como sendo propriedade legítima de todos os seus falantes, quer vivam em Paris, Dakar ou Kinshasa. Com base numa revisão documental, questionários, entrevistas e observações diretas em sala de aula, o trabalho dos investigadores permitiu identificar algumas tendências.

A língua francesa é percebida, pelos seus falantes não nativos, essencialmente como um instrumento funcional, numa relação marcada pelo pragmatismo e pela utilidade. Este é também o caso das línguas nacionais, cujos usos e declarações acompanhantes só revelam de forma marginal uma abordagem militante. É também interessante notar que, embora presente na mente dos falantes, a origem histórica da chegada da língua francesa ao continente africano e ao Oceano Índico (colonização), dá origem a muito poucas expressões de hostilidade em relação a ela. Mesmo que se note o seu carácter obrigatório, mesmo "imposto", as reservas que poderia gerar seriam expressas contra as políticas nacionais, o que, sessenta anos após a independência, parece bastante lógico. Isto não significa, contudo, que os cidadãos não percebam o interesse dos países francófonos do Norte, e particularmente da França, em manter e aumentar a presença da língua francesa à escala internacional. No entanto, insistem sobretudo na alavancagem que o domínio desta língua representa. Finalmente, o recurso muito frequente ao francês, que parece estar confirmado, não diminui as práticas multilinguísticas que são indiscutivelmente uma característica dos contextos sociolinguísticos francófonos do Sul.

O desafio para os promotores da língua francesa, incluindo a francofonia institucional, estaria, portanto, ligado à sua capacidade de apoiar e valorizar o plurilinguismo, promovendo ao mesmo tempo a utilidade do francês.



¹³ "Pratiques et représentations socio-langagières des français en francophonie" (PRESLAF). O relatório completo e os resultados do estudo podem ser consultados no seguinte endereço. Ver QRcode

Quanto às variedades do francês, estas não são negadas, mas também não parecem ser reivindicadas. No final, poucos falantes reconhecem a sua utilização para si próprios, ao passo que atestam prontamente a sua presença e utilização em geral. Para além das dificuldades que encontram na definição dos contornos desta categoria de língua - assim como os investigadores que publicam sobre estas questões - existe claramente uma relutância generalizada em reivindicá-la. No entanto, as declarações que lhes dizem respeito, incluindo a sua consideração nos processos de aprendizagem, revelam o sentimento de necessidade de compreender a questão e de "conquistar um lugar" para as variedades do francês. Este lugar não é inexistente nas escolas, mesmo que a maioria dos professores dê prioridade ao chamado francês "padrão" na sua prática em sala de aula, recorrendo ocasionalmente a diferentes formas de francês (bem como às línguas nacionais) na medida em que promovem a interação e a aquisição dos conhecimentos a transmitir. Ao mesmo tempo, têm sérias dúvidas sobre a validade, e especialmente sobre a pertinência, em termos de resultados, da utilização de variedades do francês para o sucesso dos alunos.

Há obviamente uma matéria a ser apreendida para apoiar os professores, onde a necessidade existe, identificando "boas práticas" que deixariam de ser "tabu", desde que garantam um ensino de qualidade...

A LÍNGUA FRANCESA E O MULTILINGUISMO NAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

■ O perigo do monolinguismo

Relatórios tanto das próprias organizações internacionais como de observadores externos são unânimes em lamentar o desvio das práticas linguísticas para a falta de respeito pelo multilinguismo. Relatam-se desequilíbrios significativos a favor do inglês em detrimento das outras línguas oficiais ou de trabalho em todo o trabalho destas organizações, e em particular, no processo de recrutamento, na comunicação externa e em concursos ou projetos.

O último relatório do Secretário-Geral das Nações Unidas sobre multilinguismo salienta as dificuldades recorrentes de algumas destas estruturas em implementar o multilinguismo. O inglês continua a ser a língua de eleição na

ONU, tanto para o recrutamento - 98,7% das ofertas de emprego requerem conhecimentos de inglês, enquanto o francês registou uma diminuição de 1,2 pontos desde 2017 (para 10,4%) - como na comunicação interna: 98% do conteúdo dos sites da intranet das entidades do Secretariado está disponível em inglês (um aumento de 23 pontos desde 2018), em comparação com 16% em francês.

A Unidade de Inspeção Conjunta (OIC) do sistema¹⁴ da ONU assinala no seu último relatório a falta de progressos significativos e a necessidade de os órgãos dirigentes tomarem medidas para assegurar o equilíbrio certo entre a implementação efetiva do multilinguismo e a atribuição dos recursos necessários.

Na União Europeia, a situação não é muito melhor para o multilinguismo: apenas entre 3,7% (na Comissão Europeia) e 12% (no Parlamento Europeu) dos documentos produzidos estão em francês como língua de origem, um declínio contínuo nos últimos vinte anos, quando esta proporção era de 34% (em 1999).

Seria ainda mais importante pôr fim a estas derivas, uma vez que, segundo os inquéritos, apenas 25% dos cidadãos europeus são capazes de compreender um artigo de jornal ou informação audiovisual em inglês¹⁵ e desde a saída do Reino Unido da UE, menos de 1% da população dos países membros tem o inglês como língua materna...

As observações feitas em relação à ONU e à União Europeia são mais ou menos as mesmas para outras organizações regionais ou internacionais, como mostra o último documento de acompanhamento do vade-mécum da Francofonia da IOF, que também trata da União Africana, do Parlamento Europeu e do Conselho da Europa.

■ Para um sistema operacional com três componentes: monitorização, alerta e ação
Determinada a "inverter o declínio da língua francesa", a Secretária-Geral da Francofonia, Louise Mushikiwabo, iniciou uma grande reflexão com os representantes

dos Estados e governos no seio de um grupo de trabalho sobre "a língua francesa" que criou e preside regularmente.

Um "mecanismo de acompanhamento, alerta e ação a favor da língua francesa e do multilinguismo nas organizações internacionais", apoiado pelos Estados e governos francófonos, foi ativado a fim de tornar operacional o intercâmbio de informações, a coordenação das iniciativas implantadas e a mobilização das redes francófonas. Foi criada uma rede de pontos focais nacionais para participar em atividades de monitorização e alerta sobre violações comprovadas do regime linguístico das organizações internacionais.

Advocacia política e mobilização dos Estados e Governos

Desde a sua sede em Paris e ao longo das suas representações¹⁶ externas, particularmente as que trabalham com organizações internacionais, a IOF está envolvida na advocacia a vários níveis, bem como através de numerosas atividades, incluindo a coordenação dos Grupos de Embaixadores Francófonos (GEF) e redes de funcionários públicos internacionais. Por sua vez, o Secretário-Geral advoga constantemente ao mais alto nível com chefes de Estado e de governo, chefes de organizações internacionais e mesmo com o Conselho de Segurança das Nações Unidas. Graças ao apoio das Representações Externas da OIF, várias reuniões e iniciativas tornaram possível reforçar o papel dos GEF e as suas ações em prol do multilinguismo. A IOF também lhes forneceu uma aplicação digital para os integrar numa rede global até ao início de 2022.

■ O apoio da IOF Cooperação com Organizações Internacionais e Regionais (OIR)

A estreita cooperação da IOF com as OIR para apoiar o multilinguismo resultou em iniciativas concretas tais como: o lançamento em maio de 2021 de um ciclo de formação técnica em francês para funcionários da União Africana; o desenvolvimento em 2021 de um módulo em comunicação profissional e francês jurídico para o Tribunal Penal Internacional; a publicação de dois convites à manifestação de interesse em 2021 destinados a reforçar as competências em língua francesa dos funcionários públi-

cos e a mediação linguística (9 projetos selecionados; 8 beneficiários das OIR).

Formação e reforço das capacidades

A fim de reforçar as capacidades dos Estados ou das instituições nacionais de formação na definição e implementação de planos de formação em francês para (futuros) funcionários públicos e diplomatas, a IOF está a implementar programas que visam aumentar o número de gestores e peritos nas administrações visadas que têm um nível suficiente de francês para se expressarem nessa língua no seu contexto profissional. Neste quadro, dezanove governos ou instituições nacionais assinaram acordos de cooperação (Iniciativas Nacionais Francófonas e Iniciativas de Estabelecimento Francófono - INF e IEF) com a IOF para o período 2019-2022. Mais de 1.200 agentes - pelo menos 70% dos quais são mulheres - são formados todos os anos.

Provisão de ferramentas e recursos

Em 2020, a IOF continuou a apoiar a TV5MONDE na produção de 42 programas noticiosos ("7 jours sur la planète"), 1.080 exercícios de autoaprendizagem e 262 fichas educativas. Para uma aprendizagem independente, certas coleções tiveram grande sucesso, tais como "Le français des relations internationales", destinado a pessoas que se preparam para o Diploma Francês em Relações Internacionais (DFP-RI) da Câmara de Comércio e Indústria Paris-Île-de-France, ou "Objectif diplomatie", para uma introdução ao francês das relações internacionais em contextos formais ou informais. Em março de 2020, a TV5MONDE lançou a aplicação "Aprender Francês com a TV5MONDE", que contém os 3.000 exercícios no site apprendre.tv5monde.com.

Desde 2017, a IOF associou-se também à Hachette FLE para publicar a nova edição do Objectif Diplomatie nível 1, um livro dedicado à aprendizagem do francês para diplomatas. Em dezembro de 2019, a oferta foi enriquecida com um curso digital de 150 exercícios de autocorreção e, no final de 2021, Objectif diplomatie.lab nível 1, uma ferramenta digital aberta colocada à disposição dos professores, foi disponibilizada online.

Uma componente específica de "paz e segurança"

Para reforçar a presença de francófonos nas OMP da ONU (estimada em 27% em janeiro de 2021, enquanto que a

maioria das missões estão implantadas no espaço francófono), a IOF está a realizar ações, várias das quais produziram resultados tangíveis. Entre estas iniciativas encontra-se o projeto-piloto IOF-UN-France para reforçar o sistema de formação em língua francesa do pessoal militar da MINUSMA¹⁷ (que decorreu em maio de 2021).

Como parte de uma parceria desenvolvida pela IOF com a Divisão de Polícia da ONU, dois seminários regionais foram organizados conjuntamente desde 2018 em Paris e Bamako, com o apoio da rede de formação policial Franco-pol para melhorar a qualidade das candidaturas apresentadas pelos francófonos. Foi observado um aumento do número de agentes policiais francófonos: de 28% em 2012 para 80% da força de trabalho em 2021.

Outros exemplos de formação francófona incluem: o primeiro curso de formação francófona para a liderança de missões, que até agora tem sido realizado apenas em inglês; o primeiro curso francófono para oficiais militares do sexo feminino; e o desenvolvimento de um curso de formação em língua francesa para conselheiros em matéria de igualdade de género nas OMP.

Outro sucesso notável foi o lançamento em 2021 de uma plataforma para o Réseau d'expertise et de formation francophone pour les opérations de paix (REFFOP), agora integrada no website do Observatório de Manutenção da Paz Boutros-Ghali. Esta rede tem como objetivo reforçar a perícia e o potencial francófono das escolas e centros de formação de manutenção da paz em África, América do Norte, Europa e Sudeste Asiático. Os recursos¹⁸ franceses de formação em manutenção da paz estão disponíveis online.

Francês, língua oficial dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos

Para cada edição, a IOF coloca à disposição do Comité Organizador dos Jogos Olímpicos pessoal francófono especializado em tradução, afecto aos serviços linguísticos e aos meios de comunicação social, que contribuem para a tradução e a elaboração dos conteúdos em francês. Desde 2004, uma pessoa foi designada pelo Secretário-Geral da Francofonia para assegurar o cumprimento do artigo 23º da

¹⁴O relatório inclui uma revisão aprofundada e uma análise quantitativa e qualitativa dos dados da documentação recolhida, respostas a questionários e entrevistas (mais de 100 entrevistas com representantes de agências da ONU sediadas em Genebra, Nova Iorque, Paris, Roma e Viena e em dois locais de campo: Bruxelas e Nicósia).

¹⁵ Eurobarómetro especial 386, 2012

¹⁶Adis Abeba, Bruxelas, Genebra e Nova Iorque, bem como Antananarivo, Bucareste, Dakar, Hanói, Libreville, Lomé, São Tomé e Príncipe, Quebeque, Tunísia, e brevemente Beirute.



¹⁷ Missão Multidimensional de Estabilização Integrada das Nações Unidas no Mali

¹⁸ Ver QRcode

Carta Olímpica¹⁹. A missão do Grand Témoin de a Francofonia para a edição de 2020 foi confiada a Thierry Marx, chefe gourmet de renome mundial.

■ A caminho de mais multilinguismo?

Progresso na ONU

Em 2020, o Gabinete de Recursos Humanos da ONU concluiu o Quadro das Nações Unidas para as Línguas, que visa reforçar a coerência da aprendizagem e avaliação das competências linguísticas nas seis línguas oficiais²⁰. A sua implementação permitiu a redefinição dos currículos dos cursos de línguas para os diferentes níveis e contextos de utilização. Em última análise, espera-se que o Quadro de Referência venha a melhorar a determinação dos requisitos linguísticos para o recrutamento.

O Secretariado da ONU anunciou outras iniciativas para apoiar o multilinguismo em 2022, tais como o desenvolvimento de um quadro político estratégico e coerente para a integração do multilinguismo no trabalho das Nações Unidas. A IOF está a apoiar o desenvolvimento deste quadro através da prestação de uma contribuição destinada a trazer conhecimentos especializados de alto nível.

Um debate em curso na União Europeia

Desde o Brexit, o domínio do inglês nas instituições é sentido como sendo ainda mais injustificado. Muitas vezes têm-se levantado²¹ para denunciar a utilização maioritária de uma língua que é agora oficial, a par das línguas nacionais, em apenas dois países membros: a Irlanda e Malta. O debate sobre o multilinguismo na UE também foi reacendido pela crise da saúde, que levou as instituições europeias a fazer um uso sem precedentes de ferramentas de videoconferência para organizar, durante as primeiras semanas, reuniões virtuais em inglês apenas a todos os níveis, incluindo as reuniões do Conselho. A partir de maio de 2020, a Comissão Europeia criou a plataforma de Interação, que per-

mite a utilização de até 32 línguas. Finalmente, a presidência francesa da União Europeia na primeira metade de 2022 deverá ser uma oportunidade para debater novas propostas para um reequilíbrio na utilização das línguas oficiais.

PARTE 2

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E ENSINO DO FRANCÊS NO MUNDO

¹⁹ Artigo 23 da Carta Olímpica:

As línguas oficiais do COI são o francês e o inglês.

Em todas as Sessões será assegurada a interpretação simultânea em Francês, Inglês, Alemão, Espanhol, Russo e Árabe.

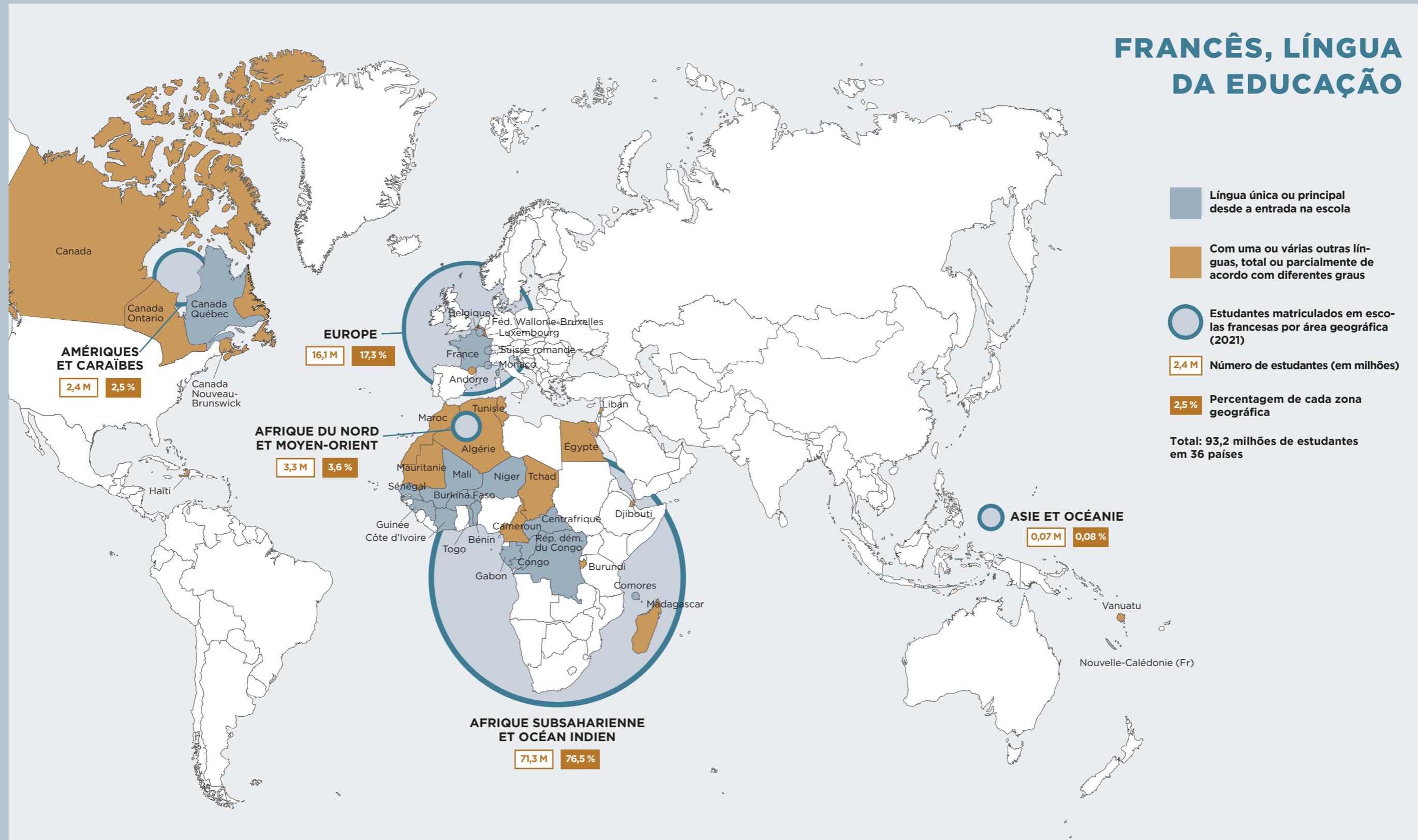
Em caso de discrepância entre os textos franceses e ingleses da Carta Olímpica e qualquer outro documento do COI, o texto francês prevalecerá, salvo disposição expressa em contrário por escrito.

²⁰ ver QRcode



²¹ Um exemplo é a iniciativa de um grupo de funcionários públicos europeus francófonos, apelidado "Carré bleu", que enviou uma carta aberta ao Presidente da Comissão em setembro de 2019 exigindo o direito de trabalhar em francês.

FRANCÊS, LÍNGUA DA EDUCAÇÃO



FRANCÊS COMO LÍNGUA DE ENSINO

O francês é a língua de ensino nos sistemas educativos de 36 Estados e governos de todo o mundo (24 dos quais se encontram nas zonas do Oceano Índico Africano e do Médio Oriente), quer isoladamente quer ao lado de outras línguas; 80% dos estudantes inscritos nas escolas francesas concentram-se no continente africano, onde o francês é geralmente utilizado como língua de instrução, mas também como meio de comunicação entre populações (cuja primeira língua é uma ou mais línguas, por vezes transnacionais, em territórios caracterizados por uma grande diversidade linguística e cultural).

■ Escolhas políticas linguísticas e ações lideradas pelo Estado

Os Estados e governos dos países francófonos do Sul - especialmente na região subsaariana e no Oceano Índico - precisam de políticas públicas que tenham em conta as suas realidades sociolinguísticas, e devem por isso fazer escolhas de planeamento linguístico que respondam a várias questões: democracia linguística e respeito pelos direitos das línguas minoritárias; educação e formação de qualidade bi/multilingue; empregabilidade e desenvolvimento; coesão social e transmissão intergeracional; acesso de todos à informação e direitos na sua língua materna, etc.

O Sr. Jean-Marie Klinkenberg, professor emérito da Universidade de Liège (Bélgica), indica que "as políticas linguísticas são tanto um fator de desenvolvimento pessoal como de desenvolvimento coletivo" quando visam "harmonizar o mercado linguístico e o mercado de trabalho, aumentar a competência na utilização de ferramentas de expressão (...); estar ligadas à política de formação, à política de proteção e promoção do trabalhador (atuando sobre a língua dos contratos, trabalho, equipamento), à política de protecção dos consumidores (manual de instruções, segurança), à política de contactos entre o cidadão e as autoridades públicas (simplificação da linguagem administrativa e jurídica, etc.), à política de igualdade de oportunidades (feminização dos nomes das funções), à política de investigação e desenvolvimento, nomeadamente no domínio digital, e à política de acesso dos cidadãos às tecnologias de informação e comunicação contemporâneas.

Muitas resoluções e textos a favor da diversidade linguística já incluem elementos de política linguística a nível nacional em vários países africanos (por exemplo, África do Sul) ou recordam a necessidade de integrar uma abordagem bi- ou multilingue nos sistemas educativos a fim de melhorar a aprendizagem pré-escolar (por exemplo, Mali, Burundi). Existe de facto um consenso internacional de alto nível para proteger todas as línguas e são tomadas medidas para enfrentar os desafios da "proteção eco-linguística". Contudo, a realidade no terreno mostra que apenas políticas linguísticas mínimas são aplicadas, e que na maioria das vezes apenas tratam do estatuto das línguas (cujas implicações muitas vezes permanecem implícitas, e cujos efeitos são muitas vezes pouco ou mal medidos).

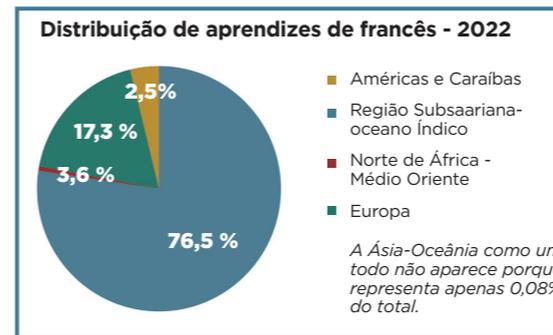
Além disso, quando os textos são produzidos e os programas são financiados pelos Estados e parceiros no terreno, estes preocupam-se quase exclusivamente com a introdução de certas línguas no sistema educativo e com a alfabetização, principalmente no ciclo primário. Além disso, as questões de política linguística são geralmente tratadas pelos Estados a nível nacional, sem ter em conta as especificidades territoriais, e dispersas entre organismos sob a responsabilidade de ministérios que diferem de um país para outro.

É neste contexto que a Francofonia apoia os Estados membros e os governos através de programas e iniciativas dedicadas às políticas linguísticas e educacionais, reforço da capacidade dos professores, avaliações e aprendizagem em benefício da educação bi/multilingue (em particular através do seu programa Escola e as Línguas Nacionais em África - ELAN).

■ Situação atual por região e país

Aproximadamente **93 milhões de alunos** e estudantes estão a ser ensinados em francês em todo o mundo: números que estão a aumentar ligeiramente e que confirmam, antes de mais, que o francês não perdeu o seu estatuto de língua de ensino em nenhum lugar, e que os sistemas educativos dos países onde o número de crianças que frequentam a escola está a aumentar (no Sul) estão a receber um número crescente de crianças (mesmo que nem todas estejam matriculadas).

Naturalmente, os países onde o francês é a única língua oficial com maior peso no mundo inteiro e, entre eles, a esmagadora maioria dos aprendizes do francês reside no continente africano, incluindo países onde não é uma língua oficial (por exemplo, a região do Magrebe).



A Europa vem em segundo lugar, graças à França (91% dos estudantes europeus são ensinados em francês), mas também à Federação Valónia-Bruxelas, Suíça francófona, Luxemburgo e Mónaco.

Se a América do Norte deve o seu terceiro lugar ao Quebec e ao Canadá em geral, não devemos esquecer o papel desempenhado pelo Haiti, mesmo que as últimas estatísticas disponíveis sobre este país estejam desatualizadas (2015-2016).

Finalmente, é o Líbano que domina o panorama escolar em francês na zona Norte de África - Médio Oriente, mesmo que o lugar desta língua como meio de ensino esteja longe de ser negligenciável - embora não precisamente quantificado - nos países do Magreb.

Quanto à parte asiática, o baixo volume de alunos na Nova Caledónia e Vanuatu torna difícil a sua visualização em relação à massa total.

O FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

A evolução do número de estudantes que aprendem o FLE difere de acordo com a região ou país, e deve-se em grande parte à vontade das autoridades nacionais de tornar obrigatório o ensino de uma segunda língua estrangeira (ou mesmo mais) nos seus sistemas educativos. Fora dos países de língua inglesa, é frequentemente observado que as políticas públicas só deixam espaço para o inglês como única alteridade linguística e cultural na construção dos jovens cidadãos.

A atratividade da língua francesa para os jovens, os seus pais e as escolas deve-se também às perspectivas que pode oferecer em termos de empregabilidade, oportunidades de estudar no estrangeiro, de aceder a empregos relacionados com o turismo, organizações internacionais ou de evoluir dentro de uma empresa ou de uma administração.

A ação política é um fator determinante na construção de sistemas educativos e de sociedades multilingues que podem promover a empregabilidade dos jovens, a formação e o desenvolvimento profissional ao longo da vida. É também aquela que deve lidar com as dificuldades enfrentadas por muitos sistemas educativos, por vezes sob pressão devido à superlotação, e professores de Francês que são cada vez mais escassos: professores que se reformam (o que por vezes é suficiente para eliminar as aulas de francês na escola), crise de vocações para o ensino de línguas (incluindo o francês), que além disso são frequentemente opcionais como segunda língua estrangeira.

■ Aprender Francês como um marcador de políticas educativas multilingues

As políticas educativas e linguísticas desempenham um papel importante na aprendizagem de línguas estrangeiras, não só pelas obrigações estabelecidas pelos currículos escolares, mas também pelos meios que lhes são consagrados. A revalorização da profissão docente, a renovação e formação de jovens professores, a descentralização fora das grandes cidades e a democratização da oferta de formação multilingue estão entre os desafios que permitirão aos sistemas educativos responder às exigências das populações a favor das sociedades plurilingues.

Do mesmo modo, as escolhas políticas nacionais, de acordo com as perspectivas plurilingues a favor das línguas nacionais e transnacionais a nível nacional, têm influência no grau de abertura dos sistemas educativos, no sentido da mobilidade internacional, por exemplo.

É neste contexto que alguns países fazem escolhas de reforma e estabelecem acordos de cooperação multilaterais ou bilaterais a favor da renovação e mobilidade dos professores, o reforço das suas competências linguísticas e didáticas, da implementação de programas de assistentes de línguas, da mobilidade estudantil, etc.

■ Cooperação bilateral e multilateral em prol de aprendizagem da língua francesa

Os acordos assinados com a França são muitas vezes decisivos para reforçar o ensino do Francês. Como parte da sua política bilateral, a França conduz e apoia ações de cooperação com as autoridades locais através de financiamentos nacionais ou regionais como o **FSPI** (Fundo de Solidariedade para Projetos Inovadores, Sociedades Cívicas, a Francofonia e Desenvolvimento Humano), um instrumento que permite financiar iniciativas, particular-

mente nos domínios da cultura, do Francês, do ensino superior e da investigação.

A cooperação francesa inclui o **Label FrancÉducation** e o programa para assistentes de línguas em França e no estrangeiro. A França mobiliza igualmente a perícia das suas equipas pedagógicas locais e dos seus operadores - nomeadamente a France Education International (FEI) - para reforçar a língua francesa nas escolas públicas ou privadas dos sistemas educativos nacionais e nas escolas francesas aprovadas nos países.

Em 2020, o **Fundo para a Língua Francesa** também apoiou 29 projetos liderados pela Alianças francesas e Institutos franceses, incluindo os Encontros Franco-Brasileiros de Francês sobre Turismo, um fórum regional de Génération Label FrancÉducation na Bulgária, e o projeto "Les petits penseurs" nos Estados Unidos, dirigido ao público escolar.

Para além das suas 98 instalações em 95 países, o **Instituto Francês** gere a plataforma IFprofs, que reuniu 42.000 profissionais de 105 países (20.000 recursos partilhados) em 2021. Os recursos da sua plataforma Culturethèque (biblioteca digital) beneficiaram mais de 500.000 utilizadores em 2021 (ou seja, uma duplicação em relação a 2019).

De notar que a frequência de cursos FLE no âmbito da rede de 832 **Alianças francesas** presentes em 131 países, com 490.000 alunos a frequentar o FLE em todo o mundo em 2019 (incluindo 111.000 alunos em cursos FLE em empresas ou instituições) evoluiu em +3,4% desde 2018. Madagáscar, Índia, Estados Unidos, México e França são os cinco principais países onde o Francês é aprendido nas Alianças francesas, seguidos pela China, Brasil, Colômbia, Peru e Zimbábue. Enquanto os cursos de Francês para o público em geral se mantiveram estáveis em 2019, os cursos para empresas e instituições aumentaram significativamente ao longo do ano (+16%).

A região da América Latina está em primeiro lugar com 130.000 alunos inscritos numa rede de 172 Alianças, e a Europa, o continente líder para o estabelecimento de Alianças francesas no mundo com as suas 236 Alianças.

Por seu lado, a IOF tem três **Centros Regionais para o Ensino de Francês (CREF)**: centros de excelência que oferecem instalações de engenharia de formação de alto nível que proporcionam formação e seminários para todas as categorias

profissionais do ensino da língua francesa nos sistemas educativos. Esta iniciativa, que foi testada pela primeira vez em 1993 na Ásia-Pacífico (CREFAP), foi alargada em 2005 à Europa Central e Oriental (CREFECO) e, a partir de 2021, à África e ao Médio Oriente (CREFA).

O programa visa mais de 50.000 professores e mais de 4 milhões de alunos de Francês.

■ **Certificação oficial de conhecimentos de língua francesa**

Entre as ferramentas de avaliação da FEI para professores, o teste APPRENDRE Ev@lang - apoiado pela FEI e AUF - foi lançado em 2021 na sua versão de formação, para avaliar o nível de competências em língua francesa dos professores nos sistemas educativos de 26 países francófonos.

Mesmo no contexto da pandemia, as certificações oficiais de língua francesa reuniram um grande número de candidatos, especialmente para jovens, com 214.121 candidatos (incluindo 108.376 no contexto do DELF scolaire e, portanto, avaliações linguísticas oficiais nos sistemas educativos nacionais) em 2021, de um total de 381.597 candidatos para o DELF-DALF. O número de candidatos tem vindo a aumentar constantemente, e atingirá o seu auge em 2019 com 318.474 jovens candidatos (incluindo 163.121 inscritos num DELF scolaire) de um total de 519.611 candidatos ao DELF-DALF, confirmando o interesse dos estudantes em certificar as suas competências em Francês com um diploma oficial, principalmente nas escolas secundárias.

O DELF scolaire é particularmente atrativo em Itália (22% de todos os inscritos em 2019) e sobretudo na Alemanha (28% dos inscritos).

■ **Desenvolvimento e implementação de ferramentas para a aprendizagem de FOS/Francês Vocacional**

No domínio da cooperação bilateral para o Francês, o lugar ocupado pelos cursos de formação que conduzem à obtenção de um diploma com um objetivo profissional merece uma consideração especial. Esta categoria de alunos de Francês "para fins específicos" (FFE) é de facto indicativa de uma dinâmica que sublinha a utilidade muito concreta do conhecimento do Francês, uma vez que muitos destes cursos são ministrados no ensino superior através dos chamados programas de mestrado "profissionalizantes".

Em todos os países do mundo, estão relacionados aos seguintes campos: línguas estrangeiras aplicadas, cultura e língua de or-

ganizações europeias, interpretação de conferências, tradução e terminologias especializadas, estratégias de comunicação intercultural (literária e linguística), línguas modernas e comunicação internacional, ensino do Francês, tecnologias linguísticas e tradução automática, etc.

A língua francesa é também frequentemente encontrada como uma das componentes necessárias da formação relacionada com administração pública, relações internacionais, diplomacia, ou questões de defesa e segurança (principalmente em África).

Na Europa, no Norte de África e, em menor medida, na Ásia, as disciplinas em causa vão muito além dos sectores diretamente relacionados com as línguas: arquitetura, agricultura e agronegócios, jornalismo, medicina e saúde, gestão, engenharia de sistemas industriais, turismo, marketing e vendas, finanças e controlo, direito internacional (público e privado), economia e gestão, matemática e informática, engenharia química e bioquímica, logística e transportes internacionais, ciência política, etc.

Outros programas e ferramentas como os **Diplomas Profissionais Franceses** (DFP) concebidos e desenvolvidos pelo Centro Francês de Negócios da Câmara de Comércio e Indústria de Paris, doravante denominado "FDA-CCIP" - especializado na formação de formadores, desenvolvendo programas de formação e certificações em FFE/Francês Profissional - permitem melhorar o domínio do Francês, mais particularmente nos sectores dos negócios, das relações internacionais e do turismo/hotelaria/restauração, através de uma formação em Francês que tem sido implantada internacionalmente.

Segundo a FDA-CCIP, o pedido de formação em Francês profissional não diminuiu apesar da crise sanitária que afetou os centros de línguas, uma vez que o estabelecimento de uma oferta de ensino à distância permitiu também a implementação de formação adaptada às novas necessidades.

Entre os sinais de um interesse crescente pelos diplomas de Francês profissional (DFP), podemos notar a evolução dos pedidos de aprovação dos centros de línguas para organizar sessões do diploma de Francês profissional (aumentando de 30 em 2018 para 70 em 2020) e o interesse em organizar a formação dos formadores em avaliação e preparação para a certificação em Francês Vocacional.

Dos mais de 23.000 candidatos que optaram por um dos DFP entre 2016 e o primeiro semestre de 2021, 72% aceitaram o DFP de Negócios; 13% aceitaram o DFP de Secretariado; 6% aceitaram o DFP de Turismo, Hotelaria e Restaurante; e 5,5% aceitaram o DFP de Relações Internacionais. Oitenta por cento dos candidatos vinham da Suíça, França, Itália, Estados Unidos, Egípto, Argélia, Espanha, Líbano, Áustria, Rússia e Bélgica.

As principais tendências observadas revelam que o continente europeu continua muito à frente nos pedidos de formação e certificação em Francês profissional. O interesse é também observado no Quênia, Índia e México. O pedido permanece estável na América do Norte, e muito baixo no continente asiático, onde a ligação entre o domínio do Francês e a competência profissional parece estar a necessitar de reparação.

Entre as medidas de ensino de FFE que também foram desenvolvidas, podemos notar o lançamento do **Clés du français** pro em março de 2021 pela FDA-CCIP e o Instituto Francês, para apoiar a rede de centros de língua francesa, acompanhando o desenvolvimento de uma oferta de cursos de Francês Vocacional.

A oferta da **TV5MONDE** foi também enriquecida com material didático abrangendo diferentes sectores profissionais (negócios, turismo, hotelaria e restaurante, moda e design, relações internacionais e diplomacia), e fichas pedagógicas para cursos de Francês Vocacional (hotelaria, vendas, turismo) produzidas pela TV5 Quebeque Canadá com o apoio financeiro do Office québécois de la langue française. Está em curso um projeto para desenvolver recursos educativos sobre a construção e a restauração do património, em parceria com a futura Cité internationale de la langue française em Villers-Cotterêts (França).

A vitalidade do FFE ou da formação profissional em francês no estrangeiro, ou pelo menos o seu potencial, é portanto indubitável, dada a dinâmica dos sistemas de formação e certificação observados pela FDA-CCIP, a oportunidade de diversificação do público que isto representa para as línguas e centros de formação, e sobretudo o aparecimento de novos públicos "movidos por uma necessidade real de trabalhar em Francês" - para citar Florence Murlhon-Dallies, que também especifica: "Temos (...) menos alunos de alto nível, mas muito mais pedidos de qualificações intermédias e profissões manuais".

Estado e tendências por região e país

Tal como em 2018, o número de aprendizes do francês em todo o mundo ultrapassa ligeiramente 51 milhões de indivíduos para estudantes em escolas públicas e privadas, faculdades, escolas secundárias e instituições de ensino superior, bem como a matrícula em institutos ou centros de línguas estrangeiras fora do sistema escolar. A predominância da região Norte de África - Médio Oriente continua com 44% dos alunos do FLE nos sistemas educativos, seguidos pela região Subsaariana - Oceano Índico (25%), Europa (19%), Américas-Caraíbas (9%), e Ásia-Oceânia (3%).

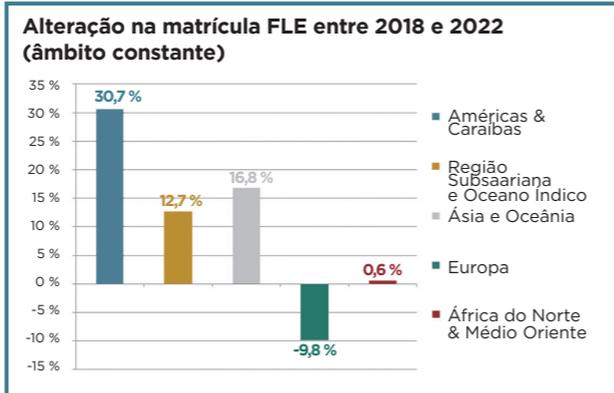
Globalmente, o número de alunos do FLE diminuiu muito ligeiramente em 0,1% desde 2018, refletindo principalmente um declínio acentuado da aprendizagem do francês que se observa na Europa (-10%). As outras regiões do mundo, por outro lado, estão a registar um aumento médio do número de aprendizes do francês.

Só o peso do Magrebe é considerável, uma vez que só a Argélia, Marrocos e Tunísia representam mais de 17 milhões de aprendizes do FLE. Uma proporção significativa dos estudantes contados está de facto a ser ensinada de uma forma muito semelhante à descrita noutros sistemas educativos como "bilingue", ou mesmo "em Francês" para certas disciplinas e em certos níveis de estudo, mas o qualificador "língua estrangeira" aplicado ao Francês nestes países é assim respeitado.

A **África "não francófona"** representa ainda 25% do total de matrículas, com os países a jogar a carta da Francofonia até certo ponto (sejam ou não membros da IOF) numa perspectiva de cooperação inter-regional. Camarões (pela sua parte anglófona), Moçambique e Gana estão entre eles, juntamente com o Uganda, Angola, África do Sul e Quênia. Na região subsaariana, o crescimento durante o período estudado parece ter sido impulsionado por Angola, Etiópia (antes da crise), São Tomé e Príncipe e as Seicheles.

A **Europa** continua a ser um bastião da aprendizagem da língua francesa com a Itália e a Roménia em primeiro lugar (por volume), juntamente com a Alemanha, Espanha, as partes não francófonas da Bélgica e Suíça, Holanda, Grécia e Portugal. Os países anglófonos (Reino Unido e Irlanda) com o Francês como primeira língua estrangeira também reúnem mais de 0,5 milhões de aprendizes do FLE.

Fora dos países de língua inglesa, quando apenas uma língua estrangeira é obrigatória, o inglês ganha (quando não é direta-



mente designado como obrigatório pelas autoridades educativas, o que é frequentemente o caso), e a possibilidade de abandonar a língua estrangeira no início da escolaridade, como no Reino Unido, contribuiu para um declínio no número de estudantes do FLE.

No panorama linguístico altamente competitivo dos países europeus, as afinidades culturais, a proximidade geográfica, a maior ou menor dificuldade atribuída às diferentes línguas presentes "no mercado" e o crédito que lhes é dado - tanto quanto as políticas mais ou menos voluntaristas das autoridades na educação - orientam a escolha dos alunos, dos seus pais e dos estudantes. Quando uma segunda (ou terceira) língua estrangeira não é obrigatória, a competição é intensificada entre, principalmente, o francês, o espanhol, o russo, o alemão e o italiano... e o francês nem sempre vence.

O **continente Americano e as Caraíbas** ocupam o terceiro lugar em termos do FLE, com o Canadá (excluindo o Quebec) e os Estados Unidos da América, seguidos da Costa Rica, Brasil, México e Argentina, entre outros. O número total de alunos aumentou 31,7% na região, que beneficiou de um aumento significativo na aprendizagem da língua francesa na Costa Rica e no Chile.

A **região Ásia-Oceânia** tem o menor número de aprendizes do FLE, embora alguns países da região, tais como Austrália, Índia, China, Laos, Camboja, Azerbaijão e Vietname, tenham um número significativo de aprendizes (cerca de 50.000), embora estes números sejam modestos em relação ao número total de aprendizes. O Camboja, a China, o Laos, a Malásia, a Tailândia e o Vanuatu impulsionaram o crescimento global e compensaram alguns dos declínios no Japão e no Cazaquistão, por exemplo.

PARTE 3

O FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

O LUGAR DO FRANCÊS NA INTERNET

■ Resumo dos desenvolvimentos

O modelo utilizado na edição anterior foi melhorado em alguns aspetos (melhor fonte de dados demo-linguísticos, cancelamento de um dos principais preconceitos do estudo graças ao acesso aos dados dos falantes de segunda língua por país, melhor tomada em consideração do multilinguismo dos indivíduos²² e continuação da análise sistemática dos preconceitos, inevitável neste tipo de trabalho, e a procura de formas de os ultrapassar) e o conjunto de dados foi atualizado em maio de 2021.

Embora o francês permaneça em quarto lugar²³ na Internet:

- É agora acompanhado, e talvez já ultrapassado, pelo **Hindi**, que está a apresentar uma ascensão espetacular; e
- A sua liderança sobre (atualmente) o português, o russo, o árabe, o alemão, o japonês e o malaio foi **consideravelmente reduzida**, como consequência da combinação de dois factos seguintes:

1. As taxas de ligação à Internet dos falantes de francês nos países industrializados estão próximas da saturação (uma média de 85%), deixando pouco espaço para o crescimento; e
2. A divisão digital nos países africanos francófonos é muito mais lenta a fechar do que o crescimento médio da conectividade em todo o mundo.

Parece que este declínio relativo do francês, que já tinha sido observado em medições parciais efetuadas em 2019 e 2020, é o resultado de um diferencial excessivamente grande entre o crescimento médio global das taxas de conectividade por país e o de vários países africanos francófonos. Este diferencial é também extremamente grande com os países asiáticos e, em grande medida, com os países árabes, que apresentam taxas de conectividade que tendem a aproximar-se das taxas ocidentais.

A longo prazo, o crescimento demográfico previsto para África irá favorecer indiretamente a presença do francês na Internet. No entanto, se a lacuna digital continuar a ser tão acentuada na África francófona, a presença do francês na Internet poderá ser afetada a curto prazo.

AS DEFINIÇÕES DOS MACRO-INDICADORES PRODUZIDOS PELO MODELO PERMANECEM AS MESMAS E, EM PARTICULAR, MANTEMOS O INDICADOR "PODER" QUE CORRESPONDE À MÉDIA DE SEIS INDICADORES:

UTILIZADORES DA INTERNET = Percentagem global de falantes conectados (obtido através da ponderação de dados de conectividade de por país demo-linguístico)	TRÁFEGO = Percentagem global do tráfego nos sítios da Internet (obtido a partir de aplicações com comunicação de dados de tráfego por país)	UTILIZAÇÃO = Percentagem global de presença de vários assinantes de plataformas e aplicações (por exemplo, percentagem de distribuição nas redes sociais)
ÍNDICE = Transformação das classificações de países numa grande variedade de indicadores da sociedade da informação (por exemplo, qualidade de governo eletrónico) em percentagens por língua	CONTEÚDO = Percentagem global de páginas de Internet	INTERFACE = Medição da sua presença como língua de interface para aplicações ou como língua de tradução online.

Este indicador integra todos os parâmetros que marcam a presença da língua na Internet.

O conjunto de parâmetros (corrigidos pelos preconceitos existentes nas fontes) obtidos à saída do modelo dá a seguinte classificação geral:

POSIÇÃO	LÍNGUA	PRESENÇA
1	Inglês	25,00 %
2	Chinês	15,00 %
3	Espanhol	7,00 %
4	Francês	3,50 %
4	Hindi	3,50 %
6	Português	3,00 %
6	Russo	3,00 %
8	Árabe	2,50 %
8	Alemão	2,50 %
8	Japonês	2,50 %
11	Malaio	1,80 %
12	Italiano	1,40 %
13	Turco	1,20 %
14	Coreano	1,20 %
15	Bengali	1,20 %
	RESTANTE	25,70 %

■ As vantagens da língua francesa no mundo digital

Neste contexto, os dois indicadores mais significativos da língua francesa são :

1. O rácio (L1+L2)/L1, um marcador da frequência relativa de

utilização de uma língua como segunda língua, para a qual o francês é a quinta língua no mundo; e

2. O número de países onde há falantes de uma dada língua, para os quais o francês é apenas a segunda língua em relação ao inglês²⁴.

Isto torna possível preencher um novo indicador: **o grau de globalização de uma língua** (DML). É definido da seguinte forma: $DML = (L1+L2)/L1$ x a percentagem de países em que a língua é falada.

Este novo indicador permite classificar os países através da combinação dos dois critérios que marcam a área geográfica e demográfica da língua: esta combinação produz um valor cuja tradução em percentagem exprime uma hierarquia e sublinha as diferenças. O DML, por construção, é independente da presença da língua no ciberespaço.

As línguas cujo rácio (L1+L2)/L1 é superior a 2,5 são, por ordem, o diola, o suaíli, o inglês, o bamanakan, o francês, o urdu, o malaio, o sotho do norte e o tailandês. E as línguas faladas em mais de 35 países são o inglês, o francês, o espanhol e o árabe.

Multiplicando o valor do grau de globalização de uma língua (DML) pela percentagem de falantes conectados, obtém-se o **grau de ciber-globalização** (DCL) da língua ($DCL = DML \times \%Conn.$), um indicador que sintetiza os pontos fortes da globalização das línguas no mundo digital. Ao acrescentar a dimensão da conectividade média à Internet, o DCL corrige o valor do DML tendo em conta a presença na Internet de cada língua.

A visão na distribuição percentual permite-nos medir as diferenças e ver que o inglês e o francês têm uma clara vantagem sobre o resto das línguas, de acordo com este critério que indica quão bem a língua está inserida no atual movimento de globalização (DML) e na marcha para o multilinguismo que é levada pela Internet (DCL). Os valores indicados em percentagens mostram a distribuição dos dois indicadores entre todas as línguas consideradas: assim, o inglês e o francês juntos cobrem quase 25% desta distribuição, com uma margem de distância significativa à frente do alemão, russo e espanhol, seguido do árabe, malaio, italiano e chinês.

LÍNGUAS	DML	DML%	DCL	DCL%
Inglês	2,51	12,68 %	1,61	14,24 %
Francês	1,69	8,52 %	1,09	9,66 %
Alemão	0,48	2,45 %	0,42	3,75 %
Russo	0,40	2,01 %	0,31	2,76 %
Espanhol	0,37	1,90 %	0,27	2,40 %
Árabe	0,30	1,51 %	0,18	1,56 %
Malaio	0,33	1,69 %	0,17	1,51 %
Italiano	0,22	1,13 %	0,17	1,50 %
Chinês	0,25	1,27 %	0,16	1,46 %

■ O lugar de outras línguas

As línguas mais ligadas à Internet são as seguintes (dados praticamente imparciais), em comparação com a percentagem para o francês que é de 65,5% :

Línguas	Percentagem de falantes conectados
Norueguês	97,87 %
Dinamarquês	97,83 %
Sueco	93,49 %
Japonês	92,62 %
Holandês	92,02 %
Luxemburguês	91,90 %
Suíço-alemão	91,56 %
Catalão	90,50 %
Flamengo Ocidental	90,43 %

■ O caso do Inglês

No que diz respeito ao inglês, o seu lugar relativo continua a diminuir e passa de 30% em 2017 para 25% em 2021, mesmo que os meios de comunicação social, apoiando-se em resultados altamente tendenciosos, por falta de consideração séria do multilinguismo, continuem a anunciar números superiores a 50%. De facto, a Internet mudou consideravelmente nos últimos dez anos com uma entrada maciça de línguas asiáticas e árabes! Quanto à percentagem global de falantes de inglês conectados (L1+L2), foi estimada pelo Observatório da Diversidade Linguística e Cultural na Internet em 2007 em 32%, e agora caiu para 15%.

²² Em 2018, foi assumido um intervalo de 25% do modelo de nível de multilinguismo, e os resultados para a primeira mais a segunda língua (L1+L2) baseavam-se, portanto, numa percentagem de 125% para explicar o multilinguismo. Nesta nova edição de 2022, graças aos dados do Ethnologue, o fator multilinguismo aumenta para 43%.

²³ Das 329 línguas com mais de 1 milhão de falantes

²⁴ Calculado para as 329 línguas com mais de 1 milhão de falantes da L1, com dados de conectividade de Setembro de 2021, com base em 215 países (ou territórios) selecionados no modelo

CONTEÚDOS CULTURAIS FRANCÓFONOS ONLINE : APOSTAS E DESAFIOS DA CAPACIDADE DE DESCOBERTA

Apesar da sua grande diversidade, os conteúdos e expressões culturais e artísticas do espaço francófono estão pouco presentes e acessíveis na Internet²⁵. A plataformização da difusão e distribuição da cultura perturbou os padrões tradicionais na relação entre a oferta e a procura, particularmente em benefício do GAFAM²⁶. Este pequeno círculo de atores globais está a aproveitar os avanços tecnológicos para controlar e concentrar a oferta cultural, ameaçando a capacidade de descoberta garantida dos conteúdos culturais em língua francesa.

Principais tendências nas indústrias culturais e criativas²⁷

Hoje em dia, as CCI contribuem significativamente para o emprego e para a economia global. A sua transformação digital afeta todos os países e acompanha as mudanças tecnológicas e a evolução das utilizações das populações que estão cada vez mais equipadas e conectadas. Apesar das diferenças significativas entre regiões, uma grande parte da população mundial acede agora às CCI através de canais digitais.

As indústrias do cinema, música e audiovisual têm vindo a recorrer à tecnologia digital há vários anos. Os principais atores internacionais têm-se posicionado. Dominam o mercado e captam uma grande parte da audiência.

Do lado da Francofonia, estão a surgir iniciativas a favor da diversidade (TV5MONDEplus, lançada em setembro de 2020, Fundo da Francofonia TV5MONDEplus, lançada em março de 2021), ou já existem há muitos anos (Fundo da Imagem da Francofonia).

O QUE É A CAPACIDADE DE DESCOBERTA?

Este conceito relativamente novo, criado e desenvolvido desde 2016 a partir do Canadá/Quebeque, descreve um processo de encontro entre o conteúdo e o público no ambiente digital. Inclui :

- a característica intrínseca de qualquer conteúdo disponível online facilmente localizado ou encontrado por qualquer utilizador que consulte nos motores de busca;
- a dimensão casual da descoberta de conteúdos que não se esperava e/ou não se sabia que existiam;
- a recomendação de um conteúdo cultural sem qualquer pedido por parte do utilizador.

A capacidade de descoberta engloba, portanto, no que diz respeito ao conteúdo cultural, as necessidades :

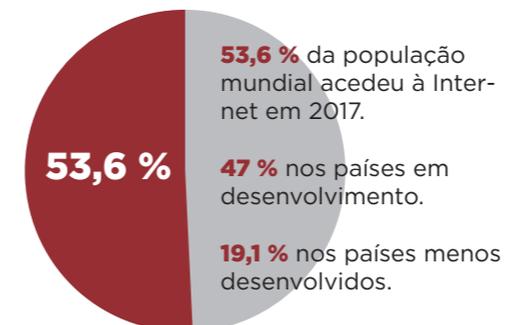
- capacidade de descoberta (referenciação e indexação) ;
- disponibilidade (desenvolvimento e fornecimento de uma oferta adequada) ;
- recomendação (reforço e promoção da visibilidade).

Processos técnicos de descoberta sistémica

O advento da Web 3.0 facilitou o aparecimento de dados estruturados, padronizados e legíveis por computador. Atualmente, as máquinas ligam, estruturam, exploram e partilham informação que é mais visível e melhor reutilizável. Dois mecanismos promovem a descoberta de conteúdos online: Dados, o nervo da guerra e para o qual cada categoria tem as suas especificações; algoritmos, no cerne do sistema de recomendação.

A qualidade e a interoperabilidade dos meta dados (que podem ser transmitidos e trocados entre diferentes sistemas) são uma questão fundamental para a descoberta online de conteúdos culturais. (cf. p. 30)

Percentagem da população mundial com acesso à Internet



Fonte : As Indústrias Culturais e Criativas do Mundo na era digital, estudo dos Post Advisors, Junho de 2021

CCIs, um sector importante da economia global

2 250 Mrds \$
de dólares de contribuição anual das indústrias criativas para o PIB mundial, ou seja, **2,6%**

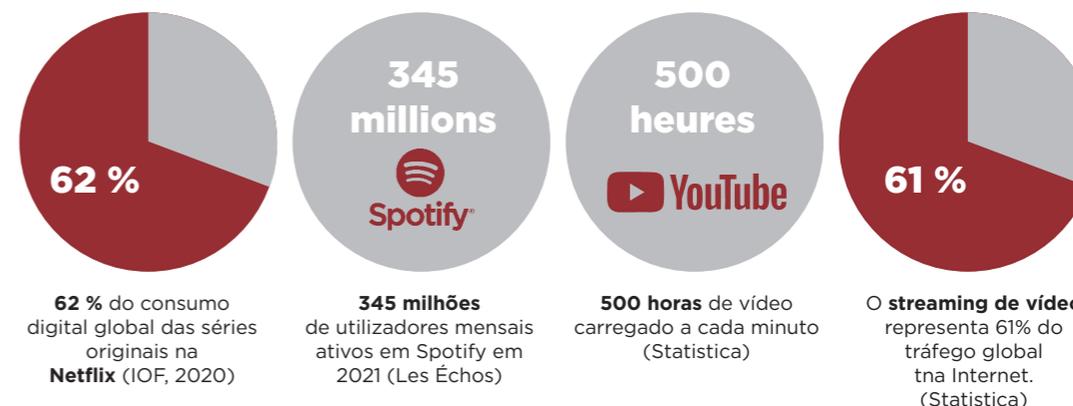
30 milhões de empregos
a nível mundial, incluindo no sector informal.

20 % dos jovens
20% dos trabalhadores do sector das CCI têm entre 15 e 29 anos de idade.

45 % são mulheres
45% dos funcionários da CCI são mulheres.

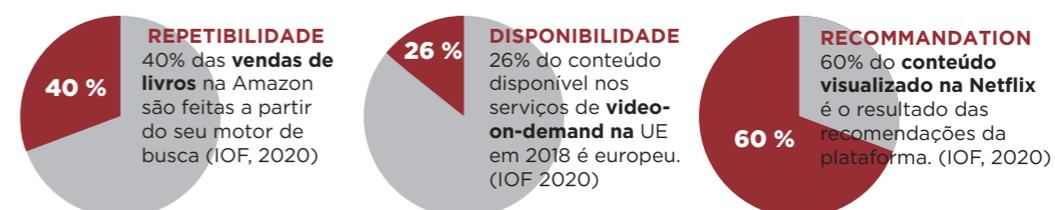
Fonte: As Indústrias Culturais e Criativas do Mundo na Era Digital, estudo Post Advisors, Junho de 2021

Figuras de vídeo e música em streaming



Fonte: As Indústrias Culturais e Criativas do Mundo na Era Digital, estudo Post Advisors, Junho de 2021

Os desafios da capacidade de descoberta em alguns números



Fonte: As indústrias culturais e criativas do mundo na era do digital, Estudo, post Advisors, Junho de 2021

²⁵ Estado da arte da descoberta e acesso a conteúdos culturais francófonos na Internet, 2020. Ver QRcode.

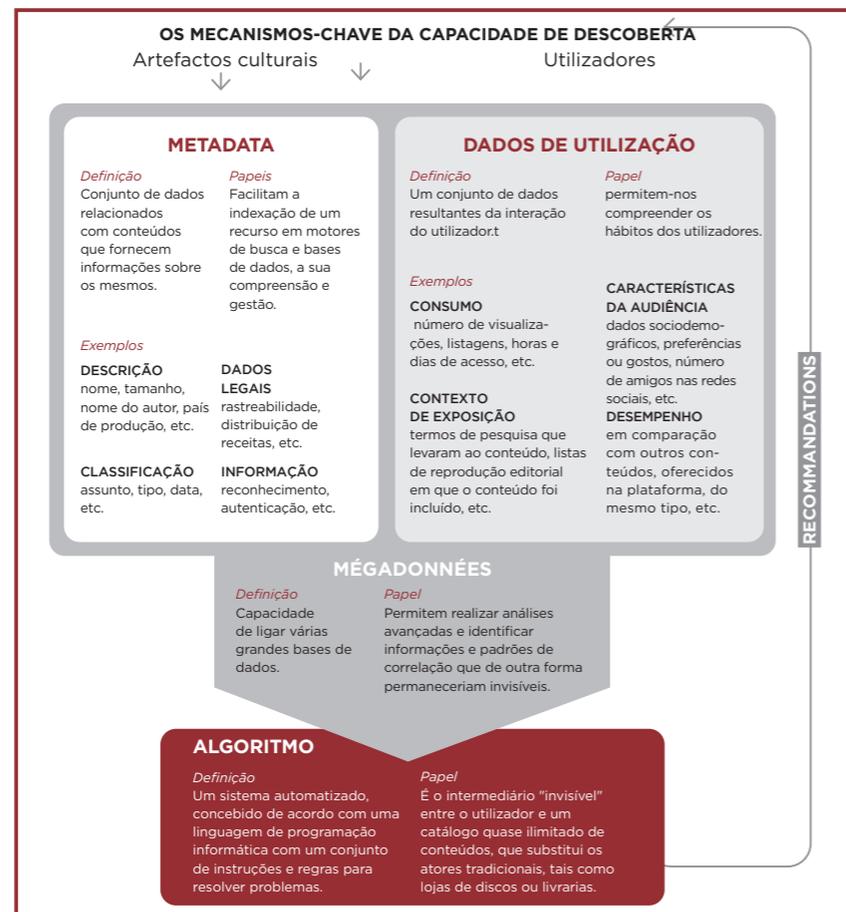
²⁶ Acrónimo frequentemente utilizado, construído a partir das iniciais de grandes grupos: Google, Amazon, Facebook, Apple, Microsoft, etc., aos quais podemos acrescentar Spotify, Deezer, etc.

²⁷ Indústrias culturais e criativas do mundo na era digital, Estudo realizado para o IOF por Post-Advisors, Junho de 2021. Ver QRcode.

■ Descuberta, uma questão de soberania do Estado e de gestão de múltiplos fatores

Os riscos de padronização do consumo cultural e a perda de benefícios económicos essenciais para o desenvolvimento de cada sociedade são agora significativos.

A capacidade de descoberta engloba várias questões relacionadas com a soberania dos Estados: preservação das identidades culturais; promoção e acesso aos mercados internacionais das produções culturais digitais locais e nacionais; capacidade de intervenção dos atores estatais através da implementação de estratégias políticas adequadas (regulamentos). A Estratégia da Francofonia Digital 2022-2026, adotada pela Francofonia em dezembro de 2021²⁸, tem em conta o desafio multidimensional que representa. Os Estados membros e os governos da Francofonia, os industrialistas, os operadores e os atores privados, os atores das organizações da sociedade civil e as organizações internacionais, estão todos preocupados com a questão da capacidade de descoberta.



LIVROS E AUTORES EM LÍNGUA FRANCESA

A literatura é, sem dúvida, um dos melhores lugares para que a diversidade cultural francófona floresça. No centro das questões de criação, inventividade e vitalidade da língua francesa, o livro, em todas as suas formas, incluindo a digital, é também o produto do que é conhecido como uma indústria cultural. Sob estes dois aspetos, cultural e económico, foram feitas observações durante muito tempo e revelam uma paisagem agitada por contradições, por vezes tensões, embora muito rica e cheia de promessas.

■ Assembleia Geral do Livro em Língua Francesa a nível mundial

A Assembleia Geral do livro de língua francesa a nível mundial realizou-se a 23-24 de setembro de 2021 em Tunes. Reuniram (no local ou à distância) mais de quatrocentos participantes - autores, atores da cadeia do livro, líderes políticos ou institucionais - de todo o mundo francófono. Coorganizados pela França e seis Estados ou governos (Costa do Marfim, República da Guiné, Quebec, Confederação Suíça, Tunísia, Federação Valónia-Bruxelas), bem como a Organização Internacional da Francofonia, envolveram cerca de 1.000 interessados em 45 países diferentes e resultou na identificação de dez propostas prioritárias a serem implementadas (das 50 previamente identificadas²⁹). Ecoando estas recomendações, e retomando já algumas delas, nove³⁰ ministros responsáveis pela cultura e livros, representando os seus estados ou governos, adotaram uma declaração conjunta no final da obra, que mencionava nomeadamente a promoção do acesso ao livro e à leitura, o apoio às obras, assegurando uma remuneração justa aos autores, a tradução em língua francesa, a melhoria da circulação das obras e dos autores, e o reforço das missões das bibliotecas.

Como prelúdio à Assembleia Geral, foram realizados vários estudos para melhor compreender as características do mercado editorial em língua francesa e para antecipar desenvolvimentos futuros: sete sínteses³¹ regionais do mercado



²⁸ver QRcode.

²⁹Para uma nova dinâmica do livro em língua francesa no mundo: Livro de propostas e 10 recomendações prioritárias, 2021

³⁰Burkina Faso, Costa do Marfim, França, Madagascar, Quebec, Suíça, Tunísia, Vietname e a Federação Valónia-Bruxelas

³¹ver QRcode.

editorial em língua francesa conduzidas pelo Bureau international de l'édition française (BIEF) e um estudo prospetivo da empresa BearingPoint, intitulado "O livro em língua francesa em 2030 e 2050"³².

Os resultados destes estudos deram razão aos participantes da Assembleia Geral que insistiram em vários pontos: assegurar o enquadramento legal, facilitar a circulação de matérias-primas e dos próprios livros, a necessidade de melhorar o conhecimento mútuo e as oportunidades de comunicação entre os profissionais. Sobre este último ponto, o estabelecimento de uma rede digital de atores de livros em língua francesa³³ pela IOF constitui um progresso.

A oportunidade de recordar também os programas desenvolvidos pela IOF que intervêm a vários níveis da "cadeia do livro": criação, produção, distribuição e promoção. Salienta também o seu apoio às políticas de leitura pública nos países através das redes de centros de leitura e de atividade cultural (CLACs) presentes em cerca de vinte países do Sul, bem como o Prix des cinq continents de la Francofonia, que todos os anos premia um autor francófono e lhe permite brilhar internacionalmente através de verdadeiras "viagens literárias" pelo mundo inteiro.

■ O Congresso de Escritores de Língua Francesa

Iniciado em 2019 por Leïla Slimani e pelo falecido Michel Le Bris, o Congresso Mundial de entre outros, da IOF. A convite do Comité Literário composto por Leïla Slimani, Fawzia Zouari, Laurent Gaudé, Yanick Lahens, Felwine Sarr - até Janeiro de 2021 - Michel Le Bris, cerca de trinta autores dos cinco continentes participaram, no local ou através de vídeo-conferência, sob a forma de cafés literários, reuniões, grandes entrevistas e mesas redondas.



³²Le livre en langue française en 2030 et 2050, Estudo económico prospetivo, Bearing Point. QRcode

³³ver QRcode.



Relatório da IOF ***La langue française dans le monde 2022***

Conselho de Administração: Nivine Khaled, Directora de Língua Francesa e Diversidade de Culturas Francófonas (DLC).

Coordenação principal e redação: Alexandre Wolff, Chefe do Observatório da Língua Francesa.

Coordenação e edição: Francine Quéméner, Especialista do Programa para o Observatoire de la langue française (ensino de / em Francês) e políticas linguísticas.

Redação (DLC): Véronique Girard, Especialista em Programas (descoberta de conteúdos culturais); Aurélia Grosu, Conselheira (língua francesa e multilinguismo nas OI).

Colaboração: Mirana Andrianasy (estagiária); Pauline Hardouin (assistente de programa para o Observatoire de la langue française).

Colaboradores directos: Bernard Cerquiglini, Souleymane Bachir Diagne, Jean-Marie Klinkenberg, Richard Marcoux, Florence Mourlhon Dallies, Daniel Pimienta, Laurent Richard, Destiny Tchehouali, Rada Tirvassen.

Traduzir por Josefina Manuel.

Este documento é uma visão geral do livro
A Língua Francesa no Mundo 2022
Editado por Gallimard - Março 2022